

ADEGA



10
VINHOS
NÃO ÓBVIOS
QUE VOCÊ DEVE
CONHECER

ESPECIAL
COMO A
INDÚSTRIA DO
VINHO REAGE
ÀS MUDANÇAS
CLIMÁTICAS

DR. TERROIR
HOLÍSTICO
PEDRO PARRA
E A BORGONHA
CHILENA

PAUL HOBBS
DAS MAÇÃS AO
MONTE ARARAT

ENOBUSINESS
RECORDE DE
IMPORTAÇÃO

HERDADE DE
COELHO
CASA "BRASILEIRA"
NO ALENTEJO

ESTUDO
VINHO
POTENCIALIZA
LONGEVIDADE

VINHAS
EM CHAMAS
COMO OS
INCÊNDIOS
AFETARAM AS
VINÍCOLAS NA
AUSTRÁLIA

GRAND CRU
FORA DA FRANÇA
CONHEÇA REGIÕES DO MUNDO
COM VINHEDOS CLASSIFICADOS

DESAFIO REAL E CADA VEZ MAIS PRESENTE

ENCOMENDADA PELA PROWEIN, PESQUISA MOSTRA O
IMPACTO DO AQUECIMENTO GLOBAL NA INDÚSTRIA DO VINHO
E AS INICIATIVAS PARA SE ADAPTAR A UM CENÁRIO ADVERSO



“O problema é real e está piorando”. O comentário foi feito por Didier Greiner, diretor-geral do Domäne Steinberg, a grande vinícola vizinha ao lendário Kloster Eberbach, na Alemanha, ao qual pertence. E o “problema” a que ele se referia são as mudanças climáticas e a forma como estão afetando a indústria vinícola. Pouco antes, Greiner havia mencionado que, no verão de 2019, as temperaturas na região onde ficam os vinhedos do monastério, fundado em 1136 no vale do Reno,



Simone Loose, chefe do Departamento de Negócios do Vinho e de Bebidas da Geisenheim, e Bastian Mingers, diretor da ProWein



PESQUISA DA GEISENHEIM REVELOU A PREOCUPAÇÃO DA INDÚSTRIA DO VINHO EM RELAÇÃO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

tinham ultrapassado os 40 graus por três dias seguidos, o que nunca tinha acontecido antes, acrescentando, em tom irônico: “exceto por um cara nos Estados Unidos, todo mundo sabe o que está ocorrendo”.

Os resultados do ProWein Business Report 2019 não deixam mesmo dúvidas sobre o que está ocorrendo, pelo menos no mundo do vinho. Há três anos, a ProWein, mais importante feira de vinhos do planeta, dedicada exclusivamente aos negócios (a edição 2020 ocorrerá de 15 a 17 de março em Dusseldorf e a ProWine São Paulo de 20 a 22 de outubro), encomenda uma pesquisa especial à Universidade Geisenheim, na Alemanha, uma das mais avançadas do mundo no estudo de alimentos e bebidas. E, para apresentar a pesquisa de 2019, organizou, em fins de novembro passado, o ProWein Media Summit, que reuniu profissionais de imprensa de 30 países (ADEGA foi a única representante do Brasil). Além de discutir os resultados com os responsáveis pela pesquisa, o evento incluiu palestras com profissionais de diferentes

países na própria universidade, visitas a vinícolas como Kloster Eberbach e Schloss Vollrads, e até uma original prova de vinhos intitulada “Degustando a mudança climática”.

Todas essas atividades estavam relacionadas ao tema escolhido para a pesquisa, que não poderia ser mais atual: o impacto das mudanças climáticas na indústria do vinho e como ela está lidando com essas mudanças. Para realizá-la, a equipe liderada pela professora Simone Loose, chefe do Departamento de Negócios do Vinho e de Bebidas da Geisenheim, entrevistou mais de 1700 profissionais de 45 países diferentes, atuantes em toda a cadeia do setor: de produtores de uva e de vinho, passando por importadores e exportadores, a atacadistas, varejistas e até representantes das indústrias hoteleira e de gastronomia. “É especialmente essa combinação de diferentes perspectivas que torna o ProWein Business Report o mais completo barômetro das tendências mundiais da indústria do vinho”, comentou Loose.



E o que pensam esses profissionais sobre as questões ambientais e seu impacto, atual e futuro, nos negócios? Algumas conclusões pinçadas do ProWein Business Report 2019 certamente revelam um quadro preocupante:

1 50% dos entrevistados avaliaram o impacto das mudanças climáticas em seu negócio como “forte” ou “muito forte” e 73% reconhecem que esse é o maior desafio que provavelmente terão que enfrentar no futuro;

2 Nove em cada 10 produtores de vinho declararam que já sentiram os efeitos da mudança climática em seu negócio;

3 Até agora, o maior impacto das mudanças tem recaído sobre a viticultura. Entre os efeitos negativos apontados figuram a redução dos rendimentos em razão de fenômenos climáticos como geadas tardias, chuvas e granizo e o encurtamento do período de colheita, em razão do amadurecimento simultâneo no vinhedo, o que resulta na necessidade de aumentar a capacidade de processamento de uvas, portanto, em custos maiores;

4 A maioria dos profissionais ouvidos pela pesquisa entende que as características sensoriais dos vinhos já mudaram e que mudarão ainda mais nos próximos 10 anos;

5 Produtores de uvas admitem que o uso de castas mais apropriadas ao clima deverá aumentar nos próximos anos (1 em 3 estima que isso será uma necessidade já em 2030);

6 Compradores de vinho planejam recorrer a outros fornecedores e países produtores no futuro, caso seus atuais parceiros comerciais sejam afetados por mudanças

climáticas. Isso pode ser um problema para os produtores ou regiões vinícolas atingidas, mas também uma oportunidade para outros. Nesse quesito, embora apareça em quarto lugar entre os países cuja atratividade tende a aumentar, a pesquisa mostrou que “a nova situação política” impactou negativamente o poder de atração do Brasil como mercado de vinho;

7 Consumidores de vinho continuarão a mudar seus padrões de consumo em razão das mudanças climáticas em curso. O problema é que essa mudança está-se dando em sentido oposto às decorrentes das mudanças no próprio vinho. Mudanças climáticas favorecem a produção de vinhos mais pesados e mais alcoólicos, mas estimulam os consumidores a buscar vinhos mais leves e com menor teor alcoólico. Em síntese: produção e demanda parecem caminhar em direções opostas;

8 Produtores de vinho entendem que reduzir o consumo de água e energia é a mais importante medida a ser tomada para se adaptar às mudanças climáticas em curso (ver tabela com as principais iniciativas sugeridas por eles). “Água limpa e energia sustentável se tornarão as mais importantes matérias-primas na Terra”, observa Bastian Mingers, diretor da ProWein. “E a vitivinicultura é particularmente dependente de ambas”, sentencia;

9 86% dos respondentes concordam que a indústria do vinho deveria focar mais em “produção sustentável”.



FENÔMENOS CLIMÁTICOS COMO GEADAS TARDIAS, CHUVAS, GRANIZO ETC. IMPACTAM DIRETAMENTE A PRODUÇÃO DE VINHO DE TODO O PLANETA

ADAPTAÇÃO

Como se adaptar às incertezas?

A ProWein perguntou a produtores de diferentes portes e regiões e a exportadores, que medidas deveriam ser adotadas para enfrentar as mudanças climáticas. Confira as mais citadas.

72% Investir em medidas para reduzir o uso de energia e água

64% Mudar práticas agrícolas nas atuais regiões vinícolas

51% Investir em novas práticas enológicas

48% Mudar as uvas (castas resistentes ao calor e à seca)

43% Explorar novas regiões vinícolas (mais frias e com disponibilidade de água)

41% Liberar regulamentações de forma a tornar o uso da tecnologia enológica mais flexível

36% Liberar regulamentações que limitam rendimentos máximos

Fonte: ProWein Business Report 2019 (% sobre o total de respondentes)



INICIATIVAS E SOLUÇÕES

Se essas respostas mostram que a gravidade da questão climática é indiscutível, a busca de soluções para enfrentá-la desafia não apenas práticas seculares de viticultura, mas também os próprios hábitos e preferências dos consumidores. Por exemplo, duas tendências claramente delineadas são a utilização de castas não-tradicionais e não-autóctones em diferentes regiões vinícolas, simplesmente por serem mais resistentes a doenças e a fenômenos como calor e seca extremos; e o desenvolvimento de novas zonas vinícolas em regiões mais frias (a elaboração de espumantes na Inglaterra, inclusive por tradicionais produtores de Champagne, talvez seja o exemplo mais notório, mas isso também está ocorrendo na região do Alto Adige, na Itália, como foi informado por um pesquisador do Eurac Research, em Bolzano).

Ao apresentar o projeto francês Laccave, criado justamente para desenvolver estratégias exequíveis para enfrentar o desafio climático, Hervé Hannin, da universidade de Montpellier, mencionou que quatro novas castas estão sendo plantadas na região do Languedoc: duas gregas (uma delas, a Assyrtiko, também foi plantada na Austrália) e duas italianas. Mas Hannin vê um lado positivo no esforço conjunto dos produtores franceses reunidos no Laccave: “é a reconciliação entre tradição e modernidade”.

O exemplo do Languedoc não é um fato isolado. Castas italianas como Fiano e Nero d’Avola

Produtores terão que se adaptar às mudanças e investir em melhores práticas vinícolas

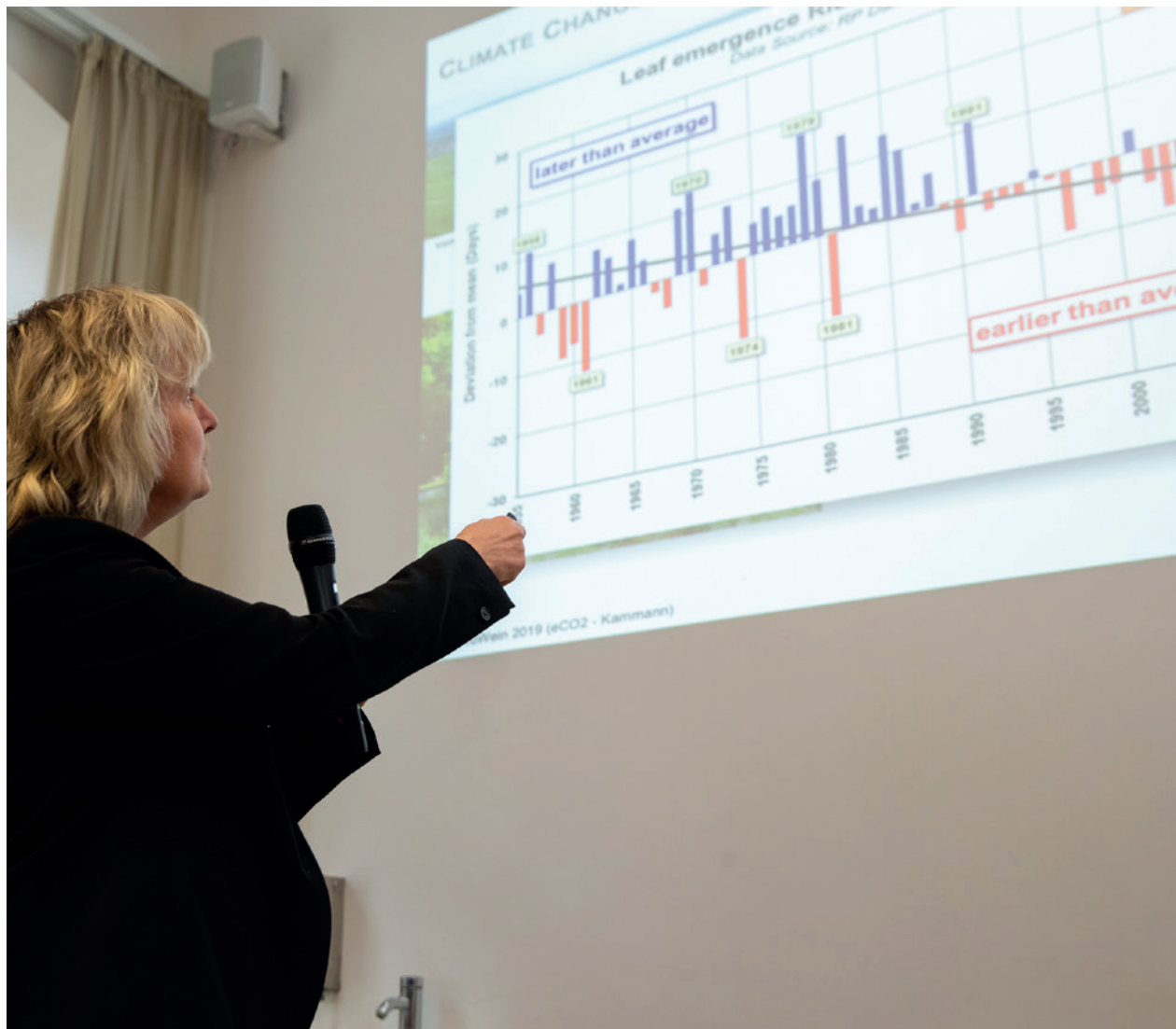


estão sendo plantadas na Austrália, um dos países que mais tem sofrido com o aquecimento global, como apontaram dois diretores do The Australian Wine Research Institute ouvidos por videoconferência durante o Media Summit. Os dois também informaram que, nos últimos 10 anos, as colheitas estão acontecendo mais cedo e que as “janelas” para colher as uvas estão cada vez menores, fenômeno comum a outros países e regiões vinícolas.

MUDANÇAS NO CORTE BORDALÊS?

Certamente mais chocante para o mundo do vinho foi a recente iniciativa de produtores de Bordeaux, que solicitaram autorização para plantar sete novas castas em seus vinhedos. Entre as tintas, figuram a Touriga Nacional e a Marselan; entre as brancas, Alvarinho e Petit Manseng. Ainda que a previsão é que elas só possam contribuir com, no máximo, 10% do corte final, trata-se de uma guinada radical numa das regiões vinícolas mais tradicionais e mais admiradas do mundo, que talvez obrigue a repensar o chamado “corte bordalês”,





ancorado principalmente em Cabernet Sauvignon, Merlot e Cabernet Franc.

Por sinal, um dos vinhos incluídos na criativa prova “Degustando a mudança climática” (ver quadro) suscita uma questão ainda maior em relação aos tintos bordaleses. O vinho analisado era um Merlot do Pomerol, denominação que tem no Petrus a maior expressão dessa casta. Ao comentá-lo, o conhecido jornalista Stuart Pigott, um dos organizadores da degustação, lembrou a observação ouvida de um enólogo atuante na região, que, por razões óbvias, prefere o anonimato. Segundo esse profissional, se o aquecimento global continuar, os produtores terão que substituir a Merlot (por outra variedade), porque em boas safras os vinhos produzidos com ela já alcançam 15% de álcool. Pigott deixou no ar uma pergunta que certamente provocará calafrios em muitos enófilos: “Quo Vadis Pomerol?”

Na verdade, a provocação poderia ser dirigida a praticamente todos os produtores de todas as regiões vinícolas do mundo. Em sua apresentação no

Media Summit, a especialista portuguesa Cristina Carlos, diretora técnica da Associação para o Desenvolvimento da Viticultura no Douro, mostrou todo o trabalho que está sendo feito para mitigar os efeitos do aquecimento global na mais famosa região vinícola do país (entre eles, maior erosão dos solos e redução da longevidade dos vinhedos). Mas ela apontou o risco de que, mantidas as tendências atuais, por volta de 2080, a temperatura poderia ficar tão alta a ponto de praticamente inviabilizar o cultivo da vinha em muitas das áreas hoje ocupadas por vinhedos.

Em que pesem todas as evidências, vale registrar a advertência feita pela professora Claudia Kammann, especialista em pesquisas sobre o impacto do clima na Universidade Geisenheim: “Temo que a indústria do vinho esteja excessivamente otimista de que o aquecimento global só terá efeitos moderados na próxima década e além. Impactos climáticos provavelmente se intensificarão num ritmo sem precedentes, exigindo dos produtores adaptações contínuas e custosas”.

“IMPACTOS CLIMÁTICOS SE INTENSIFICARÃO NUM RITMO SEM PRECEDENTES, EXIGINDO DOS PRODUTORES ADAPTAÇÕES CONTÍNUAS E CUSTOSAS”, DIZ CLAUDIA KAMMANN



AS MUDANÇAS NA TAÇA

“Degustando a mudança climática” foi o nome de sugestiva degustação no ProWein Media Summit 2019. A atividade foi organizada pelo conhecido jornalista Stuart Pigott e pela sommelière e jornalista Paula Sidore, ambos residentes na Alemanha. Mais que degustar vinhos, o objetivo da prova foi mostrar, na prática, a relação entre as questões climáticas e os seis vinhos selecionados, de diferentes castas e regiões produtoras. A seguir, a relação dos vinhos e as razões por que foram incluídos na degustação (não foram atribuídas notas por não se tratar de uma degustação formal).

DEGUSTANDO A MUDANÇA CLIMÁTICA



Balfour 1503 Classic Cuvée NV

Desde 2000, a área de vinhedos do Reino Unido cresceu 300% e hoje já é maior, por exemplo, do que a do Rheingau (Reno).

70% desses vinhedos estão plantados com as três castas clássicas de Champagne: Pinot Noir, Chardonnay e Pinot Meunier e as três entram no corte do Balfour (64%, 32% e 4%). Hoje, considera-se que o sudoeste da Inglaterra tem condições quase ideais para a produção de espumantes, com temperaturas semelhantes às da região de Champagne... há 100 anos!

Comentário: Ótimo espumante! As

cegas, páreo duro para muito Champagne.



AR Lenoble Intense “mag 15” Brut

Se o aquecimento joga a favor da Inglaterra, representa um risco para a região de Champagne, embora a beneficie no curto prazo. O desafio é manter a acidez e o frescor dos vinhos. A resposta da casa AR Lenoble foi lançar uma série engarrafada em magnuns (o 2015 foi o segundo), utilizando alta porcentagem (45%) de vinhos de reserva, boa parte dos quais também guardados em magnuns. A Meunier (45%) é a casta dominante no corte, com 40% de Pinot Noir 15% de Chardonnay.

Comentário: Muito bom, com acidez marcante e grande potencial de

guarda, mas a elegância do inglês me agradou mais.



Orléans 2017 Weingut George Breuer

Casca grossa e alta acidez são as características da casta Orléans hoje quase extinta no Reno, onde foi perdendo terreno para a Riesling. Desde 2000, o produtor George Breuer recuperou um pequeno vinhedo plantado com ela e lança algumas centenas de garrafas a cada safra. O vinho é vinificado em pequenas barricas de madeira, seguindo a tradição da região.

Comentário: Muito boa acidez e leve floral, mas falta um pouco de fruta. Valeu mais pela curiosidade.



Viña del Vero La Miranda de Secastilla 2016

A inclusão desse vinho foi para mostrar que sustentabilidade não precisa ser um luxo (custa menos de 10 euros na Europa) e que a Garnacha, com a qual foi produzido, numa região mais famosa pelos Cabernet Sauvignon, se adapta a regiões com diferentes condições climáticas. É da DO Somontano, no sopé dos Pirineus, e os vinhedos da vinícola, pertencente ao grupo Gonzalez Byass, ficam entre os 400 e 800 metros de altitude.

Comentário: Muito bom! Cheio de

aromas, boa acidez, redondo e macio em boca.



Beringer Cabernet Sauvignon 2016 (Sonoma)

Ao contrário de outras regiões dos Estados Unidos, Sonoma tem sido beneficiada por temperaturas médias mais amenas, que, em alguns casos, até diminuíram. Mas os violentos incêndios que afetaram a região em 2017 e novamente em 2019 mostram que não está imune aos efeitos das mudanças climáticas. Quanto ao vinho, mostra que nem todos os Cabernet Sauvignon californianos são blockbusters, como a maioria dos produzidos no vizinho Napa.

Comentário: Boa surpresa! Um Cabernet Sauvignon mais focado

na fruta e no frescor que no corpo. Às cegas, difícil identificá-lo como californiano.



Château La Grave Trigant de Boisset 2015 (Pomerol)

Corte típico da margem direita, com 85% Merlot e 15% de Cabernet Franc. O problema, como comentado por Pigott, é que, em razão do aquecimento, a Merlot vem atingindo níveis alcoólicos cada vez mais elevados. O La Grave Trigant tem 14,5%, o que seria impensável há 30 ou 40 anos e justifica a dúvida levantada pelo jornalista: até quando?

Comentário: Excelente! Mais elegante que potente, com muita fruta e frescor em boca e taninos macios.